

A PROPÓSITO DE IDENTIDADE ITALIANA

**FLORA DE PAOLI FARIA
SONIA CRISTINA REIS
JULIA SCAMPARINI FERREIRA**

RESUMO: Dado que normalmente não se encontra uma referência teórica explícita com respeito à noção de *identidade italiana* em escritos que abordam o tema, o presente trabalho oferece um esclarecimento sobre esse conceito ao fazer um levantamento bibliográfico que expõe os tipos de estudos desenvolvidos na Itália sob este rótulo. Foram analisados textos de história e de sociologia, e, a partir deles, oferecemos a descrição dos três principais pontos de vista que estão subjacentes aos estudos sobre a identidade italiana. Portanto, o trabalho disserta sobre o significado e o agrupamento das palavras *identidade* e *nacional*, e também a respeito da superposição do olhar político e do olhar cultural sobre a Itália, sempre em busca de uma melhor compreensão daquilo que está por trás da etiqueta *identidade italiana*.

PALAVRAS-CHAVE: Itália; identidade nacional; identidade cultura; formação discursiva.



ABSTRACT: Visto che di solito non si trova un riferimento teorico che metta in chiaro la nozione di identità italiana negli studi su questo tema, il presente articolo cerca di spiegare tale concetto mediante una ricerca bibliografica che mostra la qualità delle ricerche sviluppate in Italia su questo argomento. Dopo aver analizzato opere di Storia e Sociologia, siamo giunti a tre punti di vista soggiacenti agli studi sull'identità italiana. L'articolo, quindi, discute il significato e l'unione delle parole identità e nazionale, e anche la sovrapposizione dell'ottica politica e dell'ottica culturale sull'Italia, allo scopo di capire meglio quello che si nasconde dietro la designazione identità italiana.

PAROLE CHIAVE: Italia; identità nazionale; identità culturale; formazione discorsiva.

ABSTRACT: This article is aimed at clarifying the concept of italian identity through the selection of references that are representative of the studies developed in Italy under this label, since a theoretical description of this concept has not been found. We focused mainly on texts of History and Sociology, and based on them we offer the description of three main viewpoints underlying the "studies on italian identity". The article also works on the meanings and union of the words identity and national, as well as the superposition of political and cultural points of view about Italy.

KEYWORDS: Italy; national identity; cultural identity; discourse formation.

Scrivere sull'Italia è un'abitudine italiana, un gioco nazionale che dura da secoli e che obbedisce a regole che uno straniero afferra a stento. Chi conosce queste regole le applica quasi soltanto per istinto.

Ferrucci, Nuovo discorso sugli italiani



existência da discussão sobre a identidade italiana é bastante conhecida pela população e pelos estudiosos da cultura da Itália. A unificação tardia, a grande variedade de dialetos e a diferença de papéis na economia nacional que têm o Norte e o Sul da península impulsionam o debate e a produção de textos sobre o assunto. Em *L'identità italiana* (DELLA LOGGIA, 1998), por exemplo, o autor, no intuito de tentar explicar a atual falta de sentimento de pertencimento nacional dos italianos, oferece ao leitor um olhar particular sobre a história política do país, ao evidenciar o laço entre o catolicismo e a herança romana como a origem do insucesso do Estado italiano. O historiador nota a culpa do “*spaesamento*” nacional generalizado no comportamento político, desde sempre interessado no desenvolvimento de partes, e não do todo.

Outro exemplo é a obra *Identità italiana e identità europea nel cinema italiano: dal 1945 al miracolo economico* (BRUNETTA, 1996), uma coleção de trabalhos de um grupo de pesquisa que investiga a identidade italiana, balizando-a com a identidade europeia, em cinemas que têm em comum a busca pela representação de traços dos costumes, valores, símbolos e caráter do povo italiano, os quais sofriam uma grande transformação na época que o livro abarca, devido ao fim da guerra e ao sucessivo e súbito enriquecimento econômico do país.

Isso equivale dizer que olhares diversos analisam o italiano, ou a Itália – sem ainda fazer uso do recurso metonímico e substituir um pelo outro – e acabam por dificultar o trabalho de apreensão do que subjaz ao conceito *identità italiana*. O que inicialmente pode parecer proliferação teórica,¹ tornou-se motivo para que se procedesse a um levan-

1. Somente no acervo de aquisições feitas após 1988 pela Biblioteca Nacional de Roma, há 55 livros que incluem as palavras *identità* e *Italia* em seu título.

tamento bibliográfico e a uma análise do tema. O escopo é entender quais pontos de vista estão em jogo quando se aborda a identidade do país, e também reconhecer um discurso sobre tal identidade, ou discursos sobre tal identidade, ou ainda discursos sobre tais identidades.

Identidade

Para começar a falar de *identidade*, sem pensar em identidade nacional ou italiana, há que se entender bem o significado em questão. Pois bem. Bastaria recolher o que dizem a filosofia, a história, a sociologia, a psicologia, a antropologia e talvez outras ciências. É um conceito fugaz e variável, cuja descrição depende de uma abordagem teórica, apesar de todas as matérias convergirem em um ponto: identidade implica o reconhecimento de um ente como parte de um grupo e a consequente consciência da diferença desses em relação a outros. A presença da categoria “outro” permeia todos os conceitos de identidade, sejam eles clássicos ou contemporâneos, e os pareia, portanto, ao conceito de alteridade (RUBEN, 1988). Uma vez que tratamos da identidade de uma nação e que essa não pode prescindir de seu povo, nosso interesse foca-se no aprofundamento do conceito sócio-histórico.

A junção da palavra *nacional* à palavra *identidade*, sem um esclarecimento e sem que sofra um mínimo exame, pode equivaler a um problema teórico. O termo *identidade nacional*, expressão que, a depender do país ao qual faz referência, troca de adjetivo, tem ancoragem na idéia de *nação* e tem data de nascimento, ou amadurecimento, na época de formação dos Estados. A existência da nação e a naturalidade com que é atualmente vista como o laço mais evidente entre o homem e um grupo de identificação fazem história, com as lutas territoriais que marcaram o século XIX e parte do século XX, e se consolidam como matéria nos dias de hoje.

Assim, a *identidade nacional* que se discute atualmente, a partir dos anos 1980, não é a mesma que se discutia na Europa após a segunda guerra mundial, nem mesmo aquela que estava subjacente aos discursos do século XIX, época da formação dos Estados-nação. A motivação da discussão atual è, grosso modo, a quebra de fronteiras de comunicação e a luta ideológica por território; o debate posterior à última guerra mundial dizia respeito a uma grande abertura mercadológica e cultural, que descaracterizava padrões, e aquela mais antiga, que perpassa desde a origem das motivações nacionalistas até o desenvolvimento da ideologia nazi-fascista, tem um impulso de interesse abrangente, que investiga a origem e a consolidação do sentimento de nacionalismo, bem como os esforços em busca do sentimento popular de pertencimento.

Assim, se considerado o significado original de nação, discutir a identidade de um país seria pensar a história da formação de uma nação, isto é, a história de uma unidade política de governo, e do reconhecimento dos membros desse novo grupo social como cidadãos políticos.

Itália

Ao abordar as discussões sobre a identidade da Itália, observa-se que o discurso dos historicistas é motivado, sobretudo, pela falta de sentimento de pertencimento à nação, o que até hoje caracteriza os italianos. No intuito de tentar entender e explicar o porquê dessa carência, tais estudos investigam os fatos políticos e a invenção da tradição italiana a partir da unificação, em 1861, bem como durante o período anterior, inicialmente marcado pela Revolução Francesa.

Os trabalhos que se localizam cronologicamente no período entre a Revolução francesa e a unificação italiana procuram entender como foi difundida a idéia de nação. Bolla-ti (1983) assume que o italiano antes não existia, e foi “descoberto” pelo conde Paolo Greppi, um general que se deu conta de que era preciso massa humana para que as fronteiras da Itália fossem defendidas dos franceses revolucionários. Assim, sacrificar-se pela pátria foi o início da consciência dos habitantes da península de que faziam parte de uma só comunidade.

Di Ciommo (2004) reconhece o início da formação de uma autêntica consciência nacional na época do Congresso de Viena e às vésperas do período *risorgimentale*, a qual teria sido motivada por um ressentimento devido à marginalização da Itália, então dividida em sete unidades de governo. Ou seja, o fato de os italianos terem sofrido uma grande desvantagem no que se refere ao poder territorial e político, com respeito aos outros países europeus, também deu ao povo a idéia de nação como elemento de identificação.

Contemporaneamente, discursos que tinham como projeto a criação de uma identidade nacional eram produzidos, como os escritos de Giuseppe Mazzini, mas também outros, de menor fama, mas de considerável importância, como os de Giandomenico Romagnosi, um jurista que defendia a união do direito à política, a fim de torná-la mais funcional para um projeto de modernização da sociedade (DI CIOMMO, 2004).

Assim, antes e depois da unificação, os “engenheiros de italianidade”, expressão bollatiana, agiam na educação e caracterização do povo, como Vincenzo Cuoco, responsável por uma reviravolta ideológica de grande dimensão. Segundo Bollati (1983, p. 62), ele é:

[...] o inventor-descobridor do arquétipo de uma Itália que extrai saúde e vigor das profundas raízes de sua antiga civilização camponesa, uma Itália anti-intelectual que despreza os refinamentos culturais decadentes da idade moderna, e tem orgulho da sua notabilidade autóctone, de seu antigo costume moral.²

Enquanto Cuoco reforçava o caráter *contadino* do italiano, Manzoni, por sua vez, contribuía para a difusão de uma certa subordinação católica,³ pregando que o homem “abandone o orgulho de acreditar ser a fonte da moral, abdique da presunção de ser o criador do próprio destino, e se incline à única lei certa e imutável, aquela revelada por Deus”⁴ (BOLLATI, 1983: 83), bem como para a união linguística, sugerindo o toscano como língua oficial e também maneiras de ensiná-la, em seu *Dell’unità della lingua e dei mezzi di diffonderla*, de 1868.

Sob a forma de discursos variados, a desejada união da Itália sempre foi almejada e produzida pela elite intelectual e governante do país. A esfera de obras compreende escritos políticos e também literários com o objetivo comum de consolidar a unidade política por meio da repetição e divulgação da “italianidade” do povo da península, desde Manzoni e De Amicis ao verismo de Verga, ainda que na época em questão o conhecimento do italiano-padrão fosse privilégio de poucos, fato que mantinha tais escritos pouco acessíveis. Através deles, a origem rural, o catolicismo e a língua-padrão foram os aspectos principais e mais difusos na produção textual que constrói o italiano. Mas até mesmo bem antes que se tornasse uma unidade política, alguns consideram que um discurso sobre o povo da península tem sua origem em Dante, Petrarca e Boccaccio (FERRUCCI, 1993), os quais seriam os autores do protótipo da identidade italiana.

Da nação à cultura

O vínculo entre o que hoje podemos descrever a priori como os olhares históricos político e social da identidade italiana forma-se em um momento em que o impulso liberal nacionalista serviu-se de identidades culturais para delinear a idéia de nação aos povos que não se reconheciam como tal. Essas identidades culturais, já existentes por reconhecimento ideológico e religioso, principalmente, serviram como ferramenta para os Estados-nação incutirem no povo a idéia de nação. O escopo de se definir um território, no século XVIII, era o de fortalecer as possibilidades de comércio, sendo pouco valorizados a origem étnica, a língua e o credo que seguiam os habitantes de um território que poderia se acoplar àqueles que já estavam de certa maneira organizados (HOBSBAWM, 2002, HOBSBAWM & RANGER, 2002). A importância

2. Tradução nossa de “[...] l’inventore-scopritore dell’archetipo di un’Italia che trae salute e vigore dalle radici profonde della sua antica civiltà contadina, un’Italia antiintellettualista sdegnosa dei decadenti raffinamenti culturali dell’età moderna, fiera d’una sua nobiltà autóctona, d’un suo primigenio costume morale” (BOLLATI, 1983, 62).

3. Em *Osservazioni sulla morale cattolica*, 1819.

4. Tradução nossa de “[...] deponga l’orgoglio di credersi la sorgente della morale, abdichi alla presunzione di essere l’artefice del proprio destino, e si inchini alla sola legge certa e immutabile, che è quella rivelata da Dio” (tradução nossa).

do tamanho do território, que então significava poder e identidade, culminou nas guerras do século XX.

A Itália, mal sucedida em seu objetivo de nação forte, precisou investir nos laços de identidade cultural preexistentes à união para consolidá-la e comunicar ao seu povo uma idéia de pátria, uma “comunidade imaginária” (ANDERSON, 2005), desenhada com objetivo bem específico. A língua foi a arma mais potente, ainda que fosse uma “tradição inventada” (HOBSBAWM & RANGER, 2002), e, ao lado dela, a valorização de instituições, como a igreja, e de virtudes, como a família e as práticas ligadas a ela, também foram ferramentas que funcionavam como laços “protonacionalistas”.

Após o nacionalismo, que foi um movimento político e de motivação unitária com objetivo lucrativo, o “protonacionalismo” (HOBSBAWM, 2002) refere-se ao uso de elementos culturais como símbolos de união nacional para que o povo entendesse que era um povo-nação – exatamente como fizeram Cuoco e Manzoni –, para que finalmente se consolidasse o Estado-nação. Assim, a cultura italiana passou a funcionar como instrumento de representação, transformando-se em cultura nacional, a qual, narrada através de estratégias discursivas, configura-se em um discurso (HALL, 2004).

Identidade italiana

A observação dos textos da história e da sociologia sobre a identidade da nação e dos costumes torna mais clara a ligação entre os tipos de discursos presentes hoje sob o rótulo de *identidade italiana*. Ao abordar esse conceito não se podem negligenciar as nuances que o formam. O atual sucesso das discussões sobre identidade (BAUMAN, 2005; HALL, 2004) e o insucesso da política italiana desde os anos 70 até hoje impulsionam a investigação sobre as práticas de governo, bem como os pensamentos e textos propagados ao longo de um século e meio de união. E as mudanças nos costumes de um italiano que fora formatado pela divulgação discursiva, artística e midiática, também desde a unificação, promovem a produção de estudos, pesquisas e textos a partir do pós-guerra, e ainda hoje, sobre o caráter do italiano.

Esses pontos de vista poderiam ser, à primeira vista, distintos entre estudos da história ou da sociologia, mas contestam essa categorização dualista trabalhos como o de Brunetta (1996), um histórico com olhar sociológico, e de Ferrarotti (1998), um sociólogo que investiga a história contemporânea. Portanto, olhares que podem ser, grosso modo, descritos não exclusivamente com respeito à área de atuação do autor, mas da seguinte forma, no que concerne à Itália:

1. A busca de uma explicação histórica para a ausência de sentimento de pertencimento nacional, mediante o exame do uso discursivo de linhas de pensamento ideológico, como em Della Loggia (1998) e Ferrarotti (1997). O segundo autor concentra-se mais no período pós-unificação, mas, como o primeiro, observa que a origem do problema está na ausência de uma classe dirigente que dê um sentido de nação *moderna* à Itália. Nota-se, nos dois estudos acima citados, que eles parecem ser motivados pela busca de uma solução que modernize a Itália, auspiciando que a veneração de seu passado grandioso seja abandonada pela sociedade moderna, a qual deve lutar por uma verdadeira democracia social.

2. A análise de textos que tiveram como objetivo ideológico-político a consolidação do sentimento de reconhecimento *cultural* pela massa popular, como em Di Ciommo (2004) e Bollati (1983). Em ambas as obras são analisados escritos políticos ou literários que inventaram a Itália como grupo social com características culturais intrínsecas, e o italiano como seu participante natural.

3. A descrição dos costumes do povo italiano, motivada por momento histórico particular, como nos estudos reunidos por Brunetta (1996), Bussi & Leech (2003) ou De Benedictis⁵ (2000), entre outros, que veem o cinema como espelho da realidade. Os filmes, tidos como fonte documental de informações, ajudam a ver como era caracterizado o italiano e quais mudanças sofreu com respeito a valores e costumes, principalmente. É um olhar sociológico que vê o povo como representante da nação, ainda que o objetivo desses estudos não tenha laços com a política.

Essas três abordagens de pesquisa sobre a identidade italiana podem ser consideradas enunciados de uma formação discursiva específica (FOUCAULT, 1996), característica da matéria *identidade italiana*. Porém, não é pretensão, por ora, investigar toda a formação discursiva que está em jogo quando se fala de identidade italiana, o que significaria percorrer a trajetória do conceito *identidade* em seus diversos campos teóricos e apreender as semelhanças e diferenças que o constituem e o especificam com respeito à Itália.

Considerações finais

Mais do que um problema teórico ou exclusivamente italiano, o uso polissêmico do termo *identidade nacional* deriva de uma dificuldade até mesmo filosófica (BALIBAR, 1991) de dissociar, atualmente, nação e cultura. No caso da Itália, dada sua história de árduas tentativas de reconhecimento cultural e identificação política, entende-se que é esse sincretismo de noções que forma o que é nomeado hoje *identidade italiana* – conceito que pode ser observado e cujo discurso poderá ser explorado, mas que não pode ser descrito

5. BUSSI, G. Elisa e LEECH, Patrick (a cur.) *Schermi della dispersione: cinema, storia e identità nazionale*. Torino: Lindau, 2003; DE BENEDETTIS, Maurizio. *L'immagine italiana: dal 1945 ad oggi*. Roma: Lithos editrice, 2000.

homogeneamente. Talvez seja melhor concordar que a própria noção de identidade “è um *discurso* da tradição” (BALIBAR, 1991, p. 27) e que no discurso italiano são reconhecidos projetos específicos, motivados por ideais perseguidos. Na verdade, a tentativa de esclarecer a expressão *identità italiana* demonstrou que os olhares contemplados por ela são nada mais nada menos do que vertentes do próprio termo implicado. Isso equivale dizer que as manifestações de identificação política e sociológica são respectivamente motivadas pela unificação e pela descrição de um povo que tem sua cultura, mas que não a associava à nação, à unidade política que, então, seria, ou havia sido, criada. É essa a razão da proliferação de escritos: enquanto cultura e nação são metonimicamente ligadas e legitimam a unidade política de outros países, o mesmo ainda não ocorre na península.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Comunità immaginate: origine e fortuna dei nazionalismi*. Traduzione Marco Vignale. Roma: Manifestolibri, 2005.
- BALIBAR, Etienne. Cultura e Identità. In: BALIBAR, E. *Identità culturali*. Milano: Franco Angeli, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOLLATI, Giulio. *L'italiano: il carattere nazionale come storia e come invenzione*. Torino: Einaudi, 1983.
- BRUNETTA, Gianpiero. *Identità italiana e identità europea nel cinema italiano dal 1945 al miracolo economico*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- DELLA LOGGIA, Ernesto Galli. *L'identità italiana*. Bologna: Il Mulino, 1998.
- DI CIOMMO, Enrica. *I confini dell'identità: teorie e modelli di nazione in Italia*. Bari: Ragusa Grafica moderna, 2004.
- FERRAROTTI, Franco. *L'Italia tra storia e memoria: appartenenza e identità*. Roma: Donzelli Editore, 1997.
- FERRUCCI, Franco. *Nuovo discorso sugli italiani*. Milano: Mondadori, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *L'archeologia del sapere*. Traduzione Giovanni Bogliolo. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1996.
- GELLNER, Ernest. Etnicità sentimento nazionale e industrialismo. In: BALIBAR, E. *Identità culturali*. Milano: Franco Angeli, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Sila e Guacira Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HOBBSAWM, Eric J. *Nazioni e nazionalismi dal 1780: orogramma, mito, realtà*. Traduzione Piero Arlorio. Torino: Einaudi, 2002.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (cur.). *L'invenzione della tradizione*. Traduzione Enrico Basaglia. Torino: Einaudi, 2002.
- RAIMONDI, Ezio. *Letteratura e identità nazionale*. Milano: Bruno Mondadori, 1998.
- RUBEN, Guillermo Raul. Teoria da identidade: uma crítica. *Anuário Antropológico/86*. Brasília: Tempo Brasileiro, 1988.